

# MEU NOME NÃO É MARIA

*A COMPLEXIDADE E A FUNCIONALIDADE  
DA REDE SOCIOASSISTENCIAL*





**Anna Mikaela Valdez Fierro**  
*Graduanda em Psicologia pelas Faculdades  
Metropolitanas Unidas (FMU), e Orientadora  
Socioeducativa.*

Esse é um relato, a partir de uma vivência de trabalho na abordagem/atendimento de pessoas em situação de rua da região sul da cidade de São Paulo. O intuito foi gerar uma tentativa de auto-avaliar as práticas cotidianas desta área e o relacionamento da Rede Socioassistencial do Município de São Paulo.

## Relato de Caso

São Paulo, uma cidade com aproximadamente 11,32 milhões habitantes (IBGE), sendo 14.478 mil (segundo censo de 2011 da Prefeitura de São Paulo) pessoas em situação de rua, todas aparentemente na mesma situação, mas, cada uma por um motivo único e singular. E lá vou eu, no meu primeiro mês de trabalho, com entusiasmo de conhecer, ouvir cada uma das histórias dessas pessoas que estão entre a vulnerabilidade e a quebra das ditas "normas sociais".

Entre o vai e vêm de carros, pessoas, buzinas, poluição e embaixo do sol de agosto, lá estava ela, sentada com uma postura invejável, pernas cruzadas, unhas feitas, um lenço no cabelo e um olhar que me parecia uma mistura de onipotência com doçura, a princípio foi essa a minha visão, até que eu resolvi me aproximar:

- Bom dia! Posso conversar um pouquinho com você?

- O que você quer, quer me encher o saco?

- Não, eu só quero te conhecer e saber como a senhora está!

- Vai cuidar da sua vida! Você não está vendo que eu estou na minha casa? (Nesse momento olhei em volta, não vi nada, além de uma cadeira de rodas que por sinal estava com as rodas quebradas, na qual ela estava sentada, algumas sacolas penduradas na parte de trás da cadeira, um poste, uma perfumaria na frente e um prédio comercial ao lado)

Então, inquieta e sem entender perguntei:

- Mas desculpa onde é sua casa?

E senhora apontou imediatamente para o prédio comercial. E me disse:

- Você tá se fazendo de desentendida agora? Vai dizer que você não sabe que eu moro ali? Você tá envolvida com as pessoas que querem tirar a minha casa de mim!

- Me desculpe senhora, não sabia! Mas como a senhora se chama?

- Beth Carvalho!

Beth Carvalho, para todos da Instituição na qual eu trabalho é Rosa, uma senhora negra de mais ou menos 56 anos que sobrevive nas ruas com uma perna amputada, o outro pé gangrenando, com um quadro psicótico, família desconhecida e nunca aceitou qualquer tipo de serviço social oferecido pela instituição e demais serviços da região. A maioria dessas informações sobre ela foram passadas por um antigo companheiro, também morador de rua que faleceu anos atrás.

E os dias passaram, senti uma singela simpatia pela Rosa, a explicação disso, está na sua forma de enfrentar as mazelas da vida. Várias vezes na semana, passei a atendê-la, ora sozinha ora com algum colega de trabalho, alguma das vezes ela me ignorava, outras me tratava mal, e mandava eu ir embora, dizendo que não precisava de nada.

Até que um dia eu passei e elogiei a cor do esmalte que ela estava usando e ela me surpreendeu me agradecendo, nesse dia eu enxerguei uma possibilidade de aproximação, e mostrei as minhas unhas dizendo que precisavam ser pintadas ela olhou, não disse nada e ascendeu um cigarro. Então perguntei a ela:

- Rosa, como a senhora faz para mudar de lugar quando chove?

Ela murmurou:

- Rosa, o que? Meu nome é Beth Carvalho!

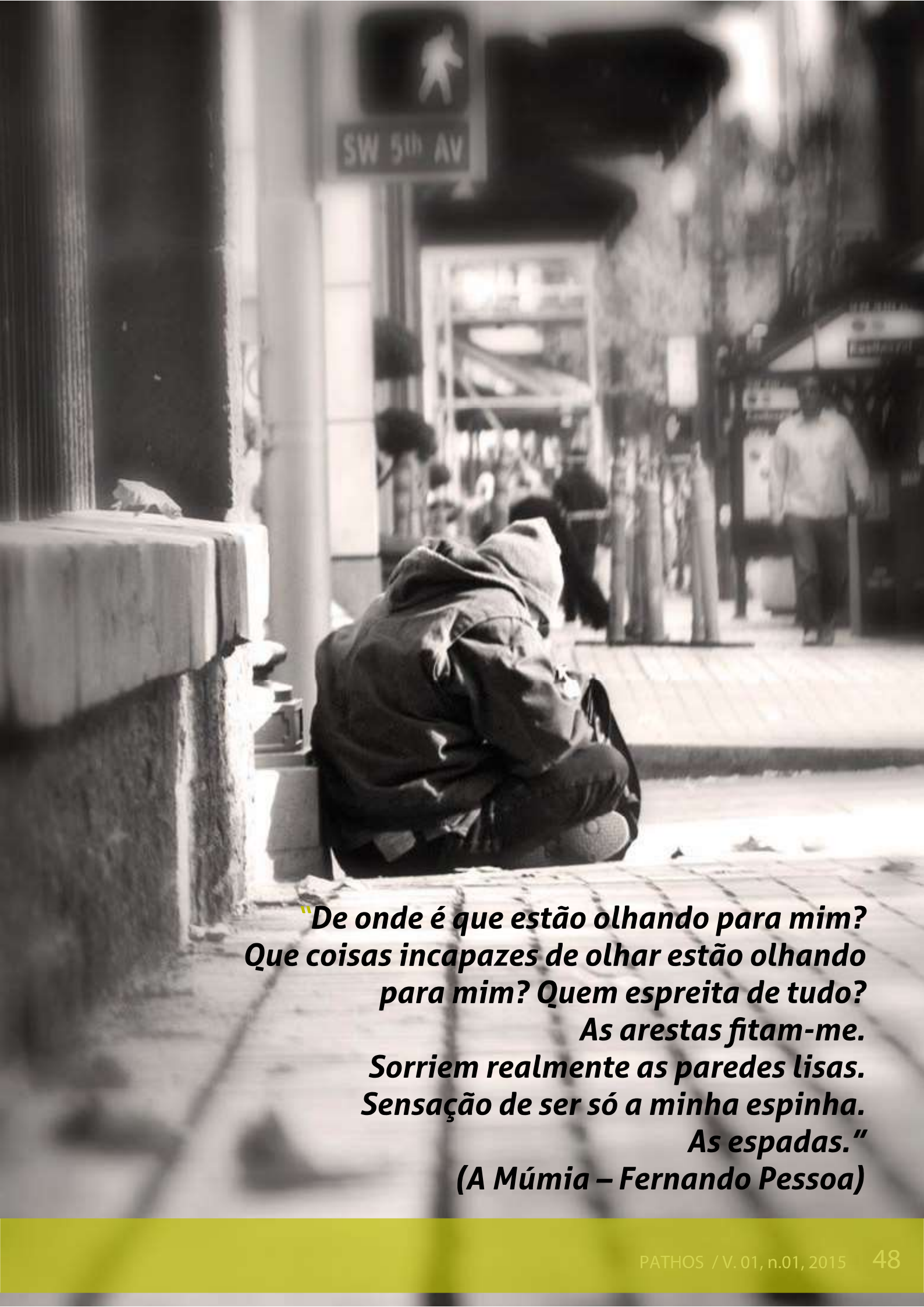
Nesse momento, decidi aceitar o convite dela e entrar nesse mundo, no mundo dela, mesmo sem saber ao certo o que me esperava!

- Verdade, a senhora é a Beth Carvalho? A senhora canta também? Canta um pouco para mim?

- Não quero cantar, vai embora, você não desiste menina? Deveria ter vergonha de encher o saco dos outros! Você tá me atrapalhando, eu não vou na sua casa te encher o saco!

- Mas então porque a senhora dorme aqui fora, porque não entra na sua casa?(Estávamos na frente do portão do prédio comercial que ela dizia ser a casa dela, por volta das 21h e o prédio já estava vazio).

- Agora você não sabe, agora você é a Santinha do Roque Santeiro? Seus parentes estão lá dentro e não me deixam entrar!



***"De onde é que estão olhando para mim?  
Que coisas incapazes de olhar estão olhando  
para mim? Quem espreita de tudo?  
As arestas fitam-me.  
Sorriem realmente as paredes lisas.  
Sensação de ser só a minha espinha.  
As espadas."  
(A Múmia – Fernando Pessoa)***

- É mesmo? Agora você vai ver só, vou dar um jeito nisso! (Nesse momento comecei a bater palma para ver se alguém saía do prédio)

Na hora, ela surpresa com a minha atitude, disse:

- Não, não precisa, eu já estou resolvendo isso com o governo!

- Tudo bem então, se a senhora precisar é só me dizer que damos um jeito nisso aí!

- Eu vou resolver isso e essa gente vai ver só!

- Rosa, quer dizer Beth, como você faz para mudar de lugar quando chove?

Então ela me respondeu:

- Trabalhador é que não falta para me trocar de lugar quando eu quero! Então disse a ela, que poderia conseguir uma cadeira com rodas funcionando para ela mudar de lugar quando quisesse, nesse momento ela me chamou num tom desconfiado e agressivo, disse:

- Você tá mentindo, fala pra sua mãe colocar juízo na sua cabeça.

Eu em uma tentativa inútil tentei me explicar, mas logo ela me afastou de perto dela.

Agora eu precisava de uma cadeira de rodas, o quanto antes, para me aproximar e ganhar um voto de confiança dela, e quem sabe assim me aproximar, e conseguir fazer com que ela olhasse mais para saúde dela, pois como ela já tinha perdido uma perna, a outra estava indo para o mesmo caminho, o único pé que ela tinha estava com a aparência de morto. A princípio esse era meu objetivo!

Passei a solicitação adiante na instituição que eu trabalho, me disseram que iriam fazer o pedido, mas eu não poderia esperar, então resolvi pedir doações, até que em uma semana eu estava com uma cadeira semi nova, banco de couro resistente e o principal, as rodas estavam em perfeito estado!

No outro dia, na companhia de uma colega de trabalho, fui entregar a cadeira. No momento ela estava comendo uma maçã, parou e olhou para a cadeira que mostrava a ela, me pediu para tirar as rodas da cadeira "nova" e colocar na velha, respondi, que era impossível, porque as rodas não desmontavam, nesse momento uma mulher que passava na rua parou e olhou para o pé da Rosa, e disse "Coitada, minha nossa senhora!" Beth irritadíssima, não pensou duas vezes e jogou a maçã na direção da mulher que depois disso saiu reclamando, e logo Beth me mandou embora.

Passou algum tempo, até que voltei com um colega de trabalho para vê-la e quando me aproximei, diferente das outras vezes, ela surpreendentemente foi receptiva ao diálogo, qual passeávamos entre delírio e realidade que se confundiam ou misturavam-se com sutileza, até que ela perguntou da cadeira, e dissemos que estava na kombi, perguntei se ela queria trocar, ela respondeu que sim e meu colega e eu corremos para buscar a cadeira e começamos a ajudá-la.

Combinamos, ele seguraria ela enquanto eu segurava a cadeira, nesse momento para minha surpresa, ela pediu para a gente esperar, enquanto ela se arrumava e se certificava de que quando ela levantasse o cobertor que cobria seu corpo da cintura para baixo, não iria cair. Ah, que linda foi essa cena! Aquela mulher mesmo com um corpo que para muitos poderia causar repulsa pelas marcas e amputações, era dona de um cuidado, mas não o cuidado que estamos acostumados a ver, mas sim uma forma de cuidado único e tão singular!

E a troca aconteceu, ela passou à cadeira, e depois eu perguntei como ela gostaria que organizasse as sacolas na cadeira “nova”, e mais uma vez me peguei surpresa, percebi, que aquele amontoado de sacolas que ela carregava pendurada tinha uma ordem, ou uma razão, então ela foi me dizendo qual sacola ficava embaixo, em cima e assim por diante.

Desse dia em diante, Rosa passou a me tratar bem, quando eu a atendia, ela me contava como era a rotina na rua, e como as pessoas acordavam cedo para comprar pão na padaria ao lado, nos dias frios, me dizia como a maioria das pessoas que passavam por ela estavam se vestindo.

Um dia ela me disse que estava sentindo um incômodo no pé, mas não queria ir ao médico, por acreditar que o incômodo pudesse ser aliviado por uma manicure, que iria passar creme e pintar as poucas unhas que ela tinha no único pé.

Nessa mesma semana tivemos uma parada técnica com todos da instituição, gerente, psicólogas, assistentes sociais e orientadores socioeducativos do serviço, um dos assuntos pautados foi a situação da Rosa. Uma das psicólogas expressou a opinião de que a situação da Rosa era motivo de intervenção, que ela já não tinha capacidade para escolher o que é melhor para ela, outra pessoa com formação em psicologia concordou, uma orientadora disse que uma pessoa que diz ser a Beth Carvalho, não tem condições de responder por si, e assim por diante.

Nesse momento, eu disse que seria uma violência com a Rosa tirar ela da rua a força, ao que outra psicóloga concordou comigo, e o gerente disse que era difícil dizer o que é melhor para cada um, mas não é porque a pessoa se organiza de forma diferente, que ela é incapaz de escolher. Porém nesse caso a instituição tinha que seguir o protocolo, o caso da Rosa já estava no Ministério da Saúde e que viria um psiquiatra avaliar a mesma.



Até que um dia, depois do meu horário de expediente, no caminho para o metrô, estiquei o olhar para ver se eu a encontrava, e reparei uma movimentação de umas pessoas em volta da cadeira dela, resolvi ir até lá para ver o que estava acontecendo, quando eu cheguei no local, Rosa estava suando, gemendo, e com fezes em sua roupa.

- Rosa!

- Você conhece ela? Os munícipes me perguntaram.

- Sim, eu a conheço...

Olhei para Rosa e pouco encontrei dela naquele olhar, corri para pegar água, guardanapo, enquanto o SAMU não chegava, nesse meio tempo liguei para o meu supervisor para avisar o que estava acontecendo, e ele me disse que o meu horário de trabalho já tinha terminado, e que eu estava livre para decidir se eu acompanharia ou não.

O SAMU demorou mais de uma hora para chegar ao local, eu dei água e sequei o suor que escorria do rosto dela, ela murmurava mandando embora as pessoas que estavam em volta dela, eu tentei acalmá-la, até que o SAMU chegou, e disse que não poderia levar as coisas dela na ambulância, eu insisti, e ajudei a fechar a cadeira de rodas e peguei as sacolas que ficavam atrás da cadeira. Para eles, tudo isso não passava de entulhos, e para Rosa era tudo o que ela tinha, tudo o que poderia chamar de seu.

Enquanto colocavam Rosa na ambulância, eu me questionava em que lugar termina o profissional e começa o vínculo pessoal, mas o momento não permitia muitas reflexões, então decidi fazer o que eu estava sentindo, o que para mim naquele momento seria correto do ponto de vista ético e humano. Sendo assim, entrei na ambulância com a Rosa e a acompanhei até o hospital.

Quando chegamos uma enfermeira carrancuda nos recebeu, e a colocaram em uma maca no corredor do hospital, na minha conversa com a enfermeira eu disse o nome da Rosa, algumas das informações que eu sabia sobre ela, e disse que ela estava há muito tempo no mesmo local e era querida pelas pessoas do bairro, nesse momento a enfermeira me disse em um tom debochado enquanto erguia o lençol que cobria a perna amputada e o pé necrosado da Rosa, que não entendia como uma pessoa querida podia chegar naquele estado sem que alguém tivesse intervindo... Irritada, pela leitura recortada da enfermeira, me peguei tentando explicar o que havia ocorrido, dizendo que Rosa não queria ir para Hospital antes e que nós estávamos respeitando a vontade dela, a enfermeira continuou e disse, que uma pessoa naquelas condições não tinha que escolher, não possui direito em optar... Nesse momento eu me vi em um lugar estranho, incômodo, um lugar que nunca havia ocupado, um lugar não humano, não cidadão, permeado pelo desrespeito e por aquilo que entendi como negligência ética.

Depois de algum tempo de conversa consegui que a enfermeira pelo menos etiquetasse as sacolas e a cadeira da Rosa, com o cuidado de não se perderem, mas logo depois de alguns minutos essa mesma enfermeira começou falar com Rosa a chamando de Dona Maria, eu fiquei olhando e me perguntei em que parte ela não entendeu que o nome dela era Rosa e não Dona Maria, e a corrigi, mas logo ela voltou a chamá-la de Dona Maria. Percebi que não havia espaço naquele lugar para a singularidade de Rosa, percebi que se perderia em meio a tantas Marias, percebi que o sistema não permitia a enfermeira tal olhar... Culpa dela? No momento achei que sim, mas depois percebi que ela era apenas um pedaço do não olhar para Rosa.

A mesma enfermeira me informou que a médica iria atendê-la e depois iriam dar um banho nela, e se possível ela seria transferida para um hospital maior no dia seguinte, peguei o nome do hospital me despedi de Rosa e fui embora.

No caminho para a minha casa o supervisor da instituição que eu trabalho me ligou e eu disse a ele que tinha acompanhado a Rosa até o hospital. Ele me disse que não tinha certo ou errado, e me perguntou como eu estava me sentindo, eu contei o ocorrido no hospital e ele me disse que acompanháramos o caso dela.

Na mesma semana, o assistente social e a psicóloga da instituição que eu atuo, entraram em contato com o departamento de assistência social do Hospital para o qual a Rosa foi transferida mas não conseguiram nenhuma informação, a assistente social informou que não podia dar informações por telefone, então resolvemos ir até o hospital, eu acompanhei o assistente social no dia seguinte até o hospital, uma assistente social nos recebeu, assim que nos apresentamos como serviço de abordagem de pessoas em situação rua e dissemos que estávamos lá para saber sobre o estado de saúde da Rosa, ela do lado de dentro da sala, começou a questionar em um tom arrogante e agressivo o que estávamos fazendo lá e disse: "Já que vocês não conseguem vaga em um albergue para uma pessoa idosa com a mobilidade limitada, vocês não tem o direito de pedir informações sobre ela". Na sequência, tentamos estabelecer um diálogo, mas não foi possível, então resolvemos entrar na enfermaria e começamos procurar a Rosa, leito por leito, até que encontramos.

Ela estava deitada, aparentemente em um sono tranquilo, as unhas continuavam feitas, o cabelo dela estava cortado, assim que chamei pelo nome dela, ela abriu os olhos expressou alegria através de um sorriso, e me disse: "Oi!" Eu perguntei como ela estava se sentindo ela, me respondeu que estava bem, nesse momento eu tirei da bolsa um batom que tinha levado para dar de presente a ela, quando eu o entreguei, ela sorriu, abriu o batom na hora e deslizou sobre os lábios, se olhou no espelho minúsculo que havia atrás do batom expressando sua vaidade, zelo e cuidado, assim foi a última vez que a vi. Esse foi nosso último encontro... Na sexta feira Rosa\ Beth Carvalho faleceu.

Saí do hospital naquele dia ainda com ela viva, porém sem uma informação sobre o estado de saúde dela, informações negadas pela enfermeira que não olhou no nosso rosto, e provavelmente também não olhou para o rosto de Rosa, pela assistente social que quase nos enxotou do hospital, por não termos no momento uma vaga para Rosa em um albergue. Para o Hospital, Rosa era apenas um problema de vaga com o direito de ser negado.

Após a notícia do falecimento de Rosa, a psicóloga de onde trabalho a fim de diminuir nosso sentimento de impotência e indignação, resolveu articular os trâmites para realizar um velório e um enterro que desse um mínimo de dignidade para Rosa. Nesse processo ouvimos um comentário de uma mulher que trabalha no serviço de funerária da prefeitura, ao que ela disse: "Além de trabalhar com moradores de rua, vocês ainda precisam cuidar do enterro deles", mas naquele momento faltavam energias para responder a altura, uma parte de nós parecia ter morrido com Rosa, sua determinação, indignação e disposição para Ser.

No atestado de óbito da Rosa, fiquei sabendo que o motivo de sua morte foi insuficiência respiratória, essa foi a única informação concreta e palpável que tivemos.

E assim foi, o primeiro caso que acompanhei, alegre e triste. Depois desse fato me questionei se estava no lugar certo? Se a indignação que senti e ainda sinto quando lembro é normal e saudável? O que em mim havia morrido junto com Rosa? Será que a aceitação não seria mais fácil? Como para muitos aparentemente é e que para mim não passa muitas vezes de alienação.





Nessa hora me lembro de Rosa não me aceitando, mandando eu embora, brigando comigo. Entendi que esse foi o melhor aprendizado que Rosa poderia me ofertar... moradora de rua sim, psicótica provavelmente, mas alienada não!... Juntei minhas "sacolas" assim como Rosa me ensinou, ordenei e percebi que muitas vezes o que carrego comigo para o outro não passa de entulho. Rosa me fez lutar por esses "entulhos" e me indignar sempre... Não devo sair dessa área de atuação por conta da minha indignação, devo sair se não houver mais essa indignação.

Os dias foram passando e eu com a lembrança me acompanhando, entro na kombi, para mais um dia de acompanhamentos e abordagens, olho pela janela, e vejo entre o vai e vem dos carros, buzinas, poluição, uma mulher negra, em uma cadeira de rodas, tentando se locomover com dificuldade, uma perna amputada praticando mendicância. Qual será o nome dela? Será que nós enquanto Rede queremos realmente saber? Se for mais fácil, podemos denominá-la de Dona Qualquer Maria... A escolha é nossa! Eu escolhi, e por isso agradeço... Obrigada Rosa/Beth Carvalho.

